

Qualquer maneira de amor vale a pena



Fotografias: Rani Lessa.
Diagramador: Kleber Benicio

Qualquer maneira de amor vale a pena, por Alexandre Falcão de Araújo¹

Em nossa sociedade, a quem é dado o direito de amar? Quais formas de amor são aceitas, permitidas, incentivadas? Essas questões perpassam a intervenção artística urbana (como denominada pelos criadores) *Beijo na Boca É Coisa do Passado*, de Lucas Galdino e Thiago Gomes, egressos do curso de Teatro da Universidade Regional do Cariri (Urca). Apresentada em uma noite de clima ameno, no calçadão Primavera, no Centro do Crato. A intervenção, desde o início, já explicita a que veio: uma expressiva bandeira com as cores do arco-íris flamula nas mãos de Lucas. Como manifesto nas redes sociais: "entendidos entenderão...".

O título da intervenção vem da letra da música *Namorar Pelado*, composição do mineiro radicado na Bahia José Guilherme Ferreira (o MC Pelé) e que se tornou sucesso na gravação do grupo de *funk* carioca Furacão 2000. Uma versão remixada da música, em especial com o trecho que dá título à intervenção, é repetida em *looping* durante quase toda a apresentação.

Os dois habilidosos e carismáticos atores-performers conduzem um carrinho que usam como plataforma ou pequeno palco para parte das cenas. Eles chegam ocupando a rua, junto ao calçadão, e chamando a atenção do público, com a música tocando em alto e bom som. Ao lado, o Teatro Municipal Salviano Arraes Saraiva, fechado há vários anos. À frente um bar onde alguns machos de estereótipo heterossexual observam a cena, aparentando estar um pouco incomodados. A rua, àquele momento, está sem muito movimento de veículos. Ainda assim, alguns carros passam durante a intervenção e têm de desviar da cena. A ocupação da rua amplia o espectro de público: além das e dos participantes da II Reunião do GT Artes Cênicas na Rua (evento a partir do qual se promoveu tal intervenção) transeuntes, motoristas e as pessoas no bar são surpreendidas pela proposta.

¹ Professor do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Rondônia (Unir) e doutorando em Artes na Universidade Estadual Paulista (Unesp). A produção dessa leitura crítica foi possível graças ao apoio da Fundação Rondônia de Amparo ao Desenvolvimento das Ações Científicas e Tecnológicas e à Pesquisa do Estado de Rondônia (Fapero) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).



Tive oportunidade de assistir à intervenção anteriormente, em São João Del-Rei, em 2017, e, à época escrevi juntamente com Marcelo Rocco - num artigo mais amplo sobre a temática das artes cênicas na rua - que a *Beijo na Boca...* apresentava uma "[...]

partitura simples e, no entanto, extremamente contundente, mesclando circo, teatro de rua e performance, para tratar da militância, afetividade e visibilidade LGBT” (ARAÚJO; ROCCO, 2018, p. 07). Ressalto que, à época, Lucas Galdino estava de cabelo comprido e lembrava muito o nosso aguerrido e valoroso ex-deputado federal Jean Wyllys. Fiquei com a sensação de que em 2019 a intervenção está mais madura e talvez até um tanto mais sutil, do ponto de vista do tratamento estético.

Pelo que posso me recordar, a partitura teve pequenas mudanças, mas é basicamente composta por um jogo físico de sedução, “pegação”, comicidade e afeto, por meio de acrobacias circenses e de expedientes performativos e/ou do teatro popular, em grande parte realizados em cima do carrinho. Na apresentação de 2019, a intervenção me remeteu também ao teatro de cabaré.



Em determinado momento, os atores flertam com alguns rapazes e moças que passam pela rua, que aparentam gostar da brincadeira. Perto do final, pessoas do público, inclusive eu, são convidadas a também ocupar a rua, a entrar em cena ao ritmo animado das palmas de acompanhamento do funk. Porém, aos poucos, a alegria festiva transita para um incômodo: todas nós fomos envolvidas por uma fita zebraada que partia do corpo de Lucas Galdino, ele também todo enrolado em fitas, inclusive com sua boca fechada, com sua voz interdita. Thiago beija Lucas, um selinho, porém com muitos giros de fita separando suas bocas. A homoafetividade está interdita.

Trata-se de desejo sexual, mas trata-se antes de afeto, de carinho, de cumplicidade. O rapaz é calado pela fita-cultura-heterocispatriarcal. Thiago sai pela rua, arrastando o carrinho, com Lucas em cima. Bela e importante denúncia neste país que mais mata homossexuais e travestis no mundo, mas que é o mesmo país onde, num respiro de dignidade institucional, o Supremo Tribunal Federal (STF) aprovou - dois dias depois da apresentação no Crato - que a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero seja considerada crime, equiparando-se ao racismo. As artes, as bandeiras, as festas, os beijos, as leis e as punições continuam muito necessárias nesse Brasil do século XXI.